

## PERCEPÇÕES DE GRADUANDOS SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR

**Cláudia Barsand de Leucas**

*cbarsand@gmail.com*

**Larissa de Oliveira e Silva**

*larissadeoliveiraesilva@hotmail.com*

**Túlio Fernandes de Almeida**

*tuliofalmeida@hotmail.com*

**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)**

### RESUMO

Com o objetivo de descrever e analisar as percepções dos estudantes de educação física sobre inclusão, sendo aplicado um questionário em 192 formandos. Esses reconheceram a importância do tema e conhecem as políticas de inclusão, porém apresentaram conceito fragmentado e ancorado na inclusão pela deficiência. A fragmentação pode refletir a dificuldade dos cursos em trabalhar a inclusão de forma clara e longitudinal, e somente uma disciplina específica não conseguirá lidar com todas as questões.

### PALAVRAS-CHAVE

*Estudantes; Educação Física; Pessoas com deficiências*

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar engloba muitas discussões nos diversos setores da sociedade, onde o papel da escola e do professor no Brasil tem se alterado amplamente nos últimos anos. Assim, várias mudanças tornaram-se necessárias no âmbito escolar fazendo com que a escola regular e o professor estejam preparados para o processo de inclusão desse público.

Diante da realidade da escola inclusiva no Brasil, Mendes(2002) destaca que “dois aspectos parecem ser centrais para que haja uma política de educação inclusiva: a organização de serviços e a formação de professores”. Nesse cenário de formação profissional para trabalhar com pessoas com deficiência (PCD) em escolas regulares encontram-se os professores de Educação Física(EF).



Nesse sentido apresentamos recorte da tese Leucas (2017), onde apresentamos os resultados da análise acerca da percepção dos graduandos sobre a sua formação inicial com relação à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de EF. Esta análise se deu por meio de questionário aplicados para os alunos dos cursos de EF licenciatura, de instituições públicas e privadas de Belo Horizonte (BH).

## **OBJETIVO**

Descrever as percepções dos estudantes dos cursos de EF sobre inclusão e analisar as possíveis implicações dessas percepções sobre a formação dos estudantes pesquisados.

## **METODOLOGIA**

O estudo possui um desenho exploratório sequencial de enfoque quantitativo com aplicação de questionário (16 perguntas objetivas e discursivas). A unidade de análise foi formada por 5 universidades de BH que ofereceram o curso de licenciatura em EF no ano de 2015. A aplicação dos questionários foi presencial pelo mesmo aplicador.

Os dados coletados foram analisados utilizando-se os programas Microsoft Excel (2007) para digitação e criação dos gráficos de colunas e Stata (Stata Corporation, CollegeStation, Texas versão 12.0) para análise descritiva, univariada. As questões abertas foram interpretadas com o auxílio do método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011, p. 732).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A amostra foi composta por 192 acadêmicos com idade média de 27 anos, maioria sexo masculino (59,4%) curso noturno (60,9%). Os entrevistados reconheceram a importância do tema inclusão e relataram conhecer políticas sobre o tema, porém apresentaram conceito fragmentado ancorado na inclusão pela deficiência. A questão diversidade foi um tema de igual importância, percebido como frequente nas disciplinas do curso. A relação entre inclusão e diversidade percebida pelos alunos é atravessada por antigos paradigmas da EF revelando uma concepção ainda utilitarista dos corpos.

As políticas de inclusão não se limitam as PCD, trata-se de um conjunto de iniciativas e regulações mediadoras do Estado voltadas a garantir direitos em um país marcado pela exclusão e discriminação das minorias (SANTOS, 2003, p. 5). Para Matiskei (2004) o leque da exclusão social é tão grande quanto são os mecanismos de imposição de padrões de normalidade.

A maioria dos alunos relatou conhecer políticas de inclusão em educação, mas 20% referiram desconhecer-las o que é significativo. Parece preocupante que alunos, prestes a concluir formação, relatem não ter conhecimento dessas políticas ou não as ter reconhecido durante a formação.

O esperado era que fossem conhecidas por todos, tendo em vista que um passo fundamental para a inclusão escolar é o reconhecimento, crítica e reflexão, acerca desse direito (SANTOS, 2003, p. 13).

Mesmo que a maioria tenha tido conhecimento dessas políticas durante formação, quantos poderão dizer sobre elas? Esses indícios são importantes para refletirmos sobre as intencionalidades da formação inicial e o reflexo disso na prática pedagógica. Como apontado na Política de Educação Especial, um dos principais desafios para a criação de uma escola inclusiva é a formação de professores (MIRANDA e GALVÃO FILHO, 2012, p. 25-27). A IES deve cumprir papel de formadora de professores abertos a diversidade, dentro e fora da sua prática profissional.

As percepções apresentadas pelos estudantes sobre a inclusão parecem expressar duas preocupações importantes: garantir a participação de todos nas aulas, sobretudo, no sentido de “fazer-executar” e o entendimento que incluir é não permitir que grupos excluídos, por suas “deficiências ou inaptidão”, sejam deixados para trás. Ambas parecem privilegiar a dimensão da prática, do “saber fazer para ensinar” (DARIDO,



1995 p. 124), no entanto os alunos demonstram preocupação em garantir direito de todos, especificamente às aulas de EF.

O cuidado com o processo de inclusão parece ser reflexo das mudanças do ensino superior das licenciaturas, a partir da década de 80, sendo observada uma sensibilização no discurso daqueles professores formados a partir dessa reformulação (DARIDO, 1995, p. 125). Os resultados apontam que a maior preocupação dos graduandos é conseguir em seu “fazer docente” lidar com alunos com deficiência, criando condições de prática. A percepção dos alunos sugere que um conceito mais crítico amplificado de inclusão é necessário para além das habilidades de adaptar uma aula.

O discurso a favor da diversidade se insere como algo “politicamente correto”, algo que se espera de um futuro professor, mas isso muitas vezes escapa ao sentido de sua ação. Ao demarcar que os termos variedade, diferença e multiplicidade constantemente relacionadas à diversidade de forma ambígua ou complementar, como o fizeram os entrevistados, não são assépticos, ao contrário sempre emergem de um contexto social específico e complexo (GOMES, 2007, p. 17).

Não podemos negligenciar uma preocupação legítima dos discentes quanto à importância desse tema. Eles podem reconhecer a diversidade como objeto da sua prática, porém a definiram e qualificaram, em sua maioria, como algo a ser controlado. Essa aceção pode estar vinculada a um espectro biologicista e de rendimento sobre a EF escolar que valoriza aptidão, habilidade, força como componentes mais importantes e rejeitam o “diferente”.

A respeito da formação discente é importante que essa valorização pelo entendimento de diversidade, destacado na opinião dos alunos entrevistados, materialize-se em uma ação crítica-reflexiva (NÓVOA, 2009, p. 77) na futura prática pedagógica (FONSECA e SILVA, 2010 p. 2).

Um contraponto a percepção dos alunos acerca das disciplinas que efetivamente discutiram a diversidade, é compreender sobre que diversidade eles estavam pensando. Muitas das definições de diversidade apresentadas pelos alunos foi de encontro à ideia de identidades fixas radicadas na “dificuldade”, “ausência” ou em signos culturais. As disciplinas específicas sobre deficiências foram lembradas pela maioria dos estudantes como aquela que inclui a questão da diversidade. Parece-nos que essa questão ratifica a primeira, apontando uma associação estreita entre as duas, ou seja, tratar de diversidade é falar sobre deficiência, assim como Fonseca (2014).

É possível perceber a falta de sinergia e fluidez entre as disciplinas dos cursos de formação inicial acabam por segmentar o tema das deficiências, relegando-o a uma disciplina específica do curso.

As disciplinas categorizadas como didáticas apareceram frequentemente (48%). Esse conjunto de disciplinas oferece um elemento potencializador, captado pela percepção dos alunos, aproximação mais direta com o universo escolar, campo de atuação e prática do futuro professor. Elas representam elemento de tensionamento, o distanciamento existente entre a formação acadêmica e as questões colocadas pela prática docente nas escolas, um dilema das licenciaturas (FERNANDES; ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 54).

Para os alunos, as disciplinas didáticas poderiam destacar a diversidade de forma mais ampliada, diferente daquele proposto na disciplina específica sobre deficiência. Essa inferência pode se tornar ainda mais palpável se tais disciplinas se empenharem em valorizar as referências internas a docência e ocupar um “terceiro lugar” como propõe Nóvoa (2009), onde as práticas são investidas do ponto de vista teórico e metodológico, dando origem à construção do conhecimento profissional docente.

A deficiência é um dos elementos da educação inclusiva, tomando como exemplo disciplinas desportivas (voleibol, basquete, handebol, lutas) poderiam ser enriquecidos com a abordagem da deficiência dentro da especificidade de cada disciplina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão curricular parece ser não somente um ponto de partida para pensar a inclusão e diversidade de uma forma ampla, mas também específica às deficiências. Para os discentes ela deveria ser incorporada



de uma maneira coerente e fluída dentro da formação inicial. A proposta de um modelo curricular temático parece ser um caminho para superar tal questão, pois permitiria a integração dos conhecimentos produzidos nas diferentes subdisciplinas contemplando temas relacionados à aplicação profissional, de tal maneira que os professores ao invés de oferecerem as disciplinas da maneira deveriam relacionar os conteúdos das suas disciplinas dentro de determinados temas relevantes.

Esse estudo resume nosso posicionamento acerca da inclusão e diversidade na formação inicial em EF, que se revelou por meio dessas análises como uma emergência pungente. A fragmentação da inclusão nas aulas de EF pode refletir a dificuldade dos cursos de formação de professores em intercambiar e alinhar esses conceitos de forma mais clara e longitudinal. Associar o conceito percebido de diversidade e inclusão à deficiência é um forte indício de que é necessária mais fluidez curricular e que apenas uma disciplina específica sobre o tema não conseguirá sozinha, lidar com todas essas questões.

## PERCEPTIONS OF UNDERGRADUATE STUDENTS ON SCHOOL INCLUSION

### ABSTRACT

The objective was to describe and analyze the perceptions of physical education students about inclusion, a questionnaire was applied to 192 academics. They recognized the importance of the theme and know the policies of inclusion, but presented a fragmented and anchored concept in inclusion for disability. Fragmentation may reflect the difficulty of courses in teaching inclusion in a clear and longitudinal way, and only one specific discipline will not be able to deal with all issues.

**KEYWORDS:** *Students; Physical Education; Disabled Persons.*

## PERCEPCIONES DE GRADUANDOS SOBRE INCLUSIÓN ESCOLAR

### RESUMEN

Con el objetivo de describir y analizar las percepciones de los estudiantes de educación física sobre inclusión, se aplicó un cuestionario en 192 alumnos. Estos reconocieron la importancia del tema y de las políticas de inclusión, pero presentaron un concepto fragmentado y anclado en la inclusión por la discapacidad. La fragmentación puede reflejar la dificultad en trabajar la inclusión de forma clara y longitudinal, y sólo una disciplina no conseguirá lidiar con todas las cuestiones.

**PALABRAS CLAVES:** *Estudiantes; Educación Física; Personas con Discapacidad.*



## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- DARIDO, S. C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em EF. *Motriz*, v.1, n.2, p. 124-128, Dezembro, 1995.
- FERNANDES, A. P. & ALMEIDA J. A. S. Aprendizagens no estágio supervisionado: produzindo novas formas e sentidos para os registros. *Revista Mackenzie de educação física e esporte*, v. 12, n. 1, 2013. pp. 53-64.
- FONSECA, M. P. S.; MAIA, M. V. *Experiência lúdica na avaliação de professores de educação física em formação inicial*. Mimeo, 2014.
- FONSECA, M. P. S. & SILVA, A. P. O que é inclusão? Reflexões de professores acerca desse tema. *Revista Digital*, Buenos Aires, n.140, 2010. p.1- 15.
- GOMES, N. L. Diversidade e currículo. IN: PAULON, S. M.; FREITAS, L.B.; PINHO, G. S. (Orgs). *Documento subsidiário à política de inclusão*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 17-47.
- LEUCAS, C. B. A percepção dos estudantes de graduação em educação física sobre a sua formação inicial e o desafio da inclusão escolar de alunos com deficiência. Tese Doutorado Educação. Universidad de Desarrollo Sustentable. Assunção 2017.
- MATISKEI, A. C. R. Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas. *Educar*, Curitiba, n. 23, p. 185-202, 2004.
- MENDES, E. G. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. (orgs.). *Escola inclusiva*. São Carlos: EdUFSCar, 2002, p. 61- 85
- MIRANDA, T. G.; GALVÃO, F., T. A. (orgs.). *O professor e a educação inclusiva: formação práticas e lugares*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. 2012.
- NÓVOA, A. *Professores Imagens do futuro presente*. Lisboa: EDUCA. 2009.
- SANTOS, M. P. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. *Revista da Faculdade de Educação da UFF*, n. 7, 2003. p. 78-91.

